



FAVELA DA MANGUEIRA: IMAGEM E IMAGINÁRIO COMO MANIFESTAÇÃO DA CULTURA URBANA¹

Heloiza Beatriz Cruz dos REIS²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

A cidade é o *locus* por excelência das representações sociais, que delimitam o espaço imaginário e condicionam a geração de sentidos nos ambientes urbanos. Na dinâmica do “agir urbano”, a ‘rua’ comprova ser uma categoria comunicacional fundamental desse conjunto da *urbe*, justificada na dinâmica da sociabilidade, que produz processos e manifestações comunicativas plenos de significado, de sentidos e de elementos simbólicos, que se estabelecem no lugar a partir da estética particular de eventos sócio-culturais, sua ambiência – visual e sonora – como elementos que conformam formas de estetizar o espaço. Sendo assim, este aspecto da comunicação e cidade adquire um significado pleno de sentidos e elementos simbólicos considerando as relações interpessoais estabelecidas nas ‘ruas’ da favela da Candelária-Mangueira, RJ.

Palavras-chave: Cidade; Cultura urbana; Imaginário.

Os fixos da cidade: O imaginário do lugar

Sons, cores, tons, cheiros, imagens, palavras, personagens, dramas e cenas. Diferentes experiências e alucinantes sensações provocadas pela emergência do novo modo de produção inaugurado pela técnica e pela mecânica da primeira Revolução Industrial e desenvolvida pela segunda Revolução Industrial: a Eletroeletrônica. A cidade é o suporte daquela explosão sensível, mas sua realidade de adensamento populacional, produção, reprodução e consumo de bens faz dela uma mídia que é sempre renovada ou renascida ainda que utilize, para isso, distintos apêndices ou suportes, tecnológicos ou não.

Ler a cidade como texto da cultura é um imperativo social e científico, já que os ambientes estão cada vez mais técnicos e as ações se deixam modelar mecânica e eletronicamente. Ações e objetos que se reproduzem e se multiplicam criando um complexo de variáveis ditadas pela globalização e pela mundialização, que atingem as cidades para designar o ‘mega-mundo’ feito de espaços dentro de espaços, sentidos dentro de sentidos, cidades dentro de cidades. Neologismos que transformam as cidades em metrópoles mediadas e produzidas pela relação de múltiplas características

¹ Trabalho apresentado no GT – Cultura e Cidade do IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura.

² Heloiza Reis é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ. Atualmente é professora substituta da faculdade de Comunicação Social da UERJ e integrante do grupo de pesquisa Comunicação, Arte e Cidade do CNPq/PPGC/FCS/UERJ. E-mail: heloizareis@uol.com.br.

econômicas e sociais que se expandem em uma complexa Torre de Babel³. (FERRARA, 2005)

Nessa metáfora concentra-se a absoluta necessidade de representar e dar forma estável ao circuito de imagens e, sobretudo, à pluralidade imaginária que decorre da cidade atual que, na sua inexorável e rápida mudança, não se deixa apanhar, mas apenas, imaginar. A metáfora representa, portanto, o próprio modo como, imaginariamente, conseguiu representar a cidade atual, mais imaginada, do que vivida, para Milton Santos (2001), “a cidade é o único lugar de onde se pode contemplar o mundo com a esperança de produzir um futuro”.

Correlações sistêmicas de objetos, tecnologias e ações cotidianas constituem eixos do espaço geográfico que Milton Santos estuda como dinâmica dos fixos e fluxos do espaço, termos entendidos como metáforas das novas estruturas tecnológicas e econômicas e as vertiginosas transformações sociais e culturais que atingem as cidades contemporâneas. Embora, essa nomeação corresponda a um conceito já estudado (CASTELLS, 2000: 422), Milton Santos o completa e o utiliza com grande eficiência epistemológica para a análise e interpretação fenomênica da cidade. Flexibilizando o conceito e em clima de relação, convivência e reciprocidade, a dinâmica dos fluxos impregna os fixos redefinindo-os, modificando-os, renovando-os até criar os lugares da cidade. Os fixos assinalam um espaço que assim se faz porque se quer produzido, controlado e ordenado, enquanto os fluxos são dinâmicos e inúmeros. Nesse dinâmico contraste, o espaço da cidade segundo Milton Santos (1996:203) é um “sistema técnico, científico, informacional de objetos e ações”.

A cidade e o urbano se tencionam no cotidiano e nessa dinâmica estrutura de uma ciência da cidade, Milton Santos nos permite inferir a emergência de outra categoria de análise que apresenta grande plasticidade: trata-se da ‘lugaridade’ que, insubordinada, emerge entre interesses e trocas ou entre crenças e sentidos e permite perceber que, entre fixos e fluxos, mobiliza-se a corrente de informação que impregna objetos e ações e, em constante metamorfose, converte os fixos do mundo produzido nos fluxos do mundo vivido. Entre fixos e fluxos, entre produção e sentidos, entre técnicas e ações, a ‘lugaridade’ apresenta-se como categoria epistemológica responsável pela possibilidade de ‘ver-a-cidade’ que, por sua vez, permite distinguir o local e o lugar: o primeiro atua como referência da paisagem, o segundo é o pólo cognitivo onde

³ Segundo o Antigo Testamento (Gênesis 11,1-9), torre construída na Babilônia pelos descendentes de Noé, com a intenção de eternizar seus nomes. A decisão era fazê-la tão alta que alcançasse o céu. Esta soberba provocou a ira de Deus que, para castigá-los, confundiu-lhes as línguas e os espalhou por toda a Terra.

se podem apreender usos e sentidos e através dos quais é possível construir uma arqueologia da cidade e migrar da constatação sociológica para a dimensão comunicativa que assinala sua história.

Da cidade cosmopolita que surge na segunda metade do século XVIII e se desenvolve durante o XIX, à metrópole e à megalópole dos nossos dias, temos uma longa história com distintas características semióticas e interativas, mas constantes tensões entre fixos e fluxos. Ou seja, é dessa tensão que invade a cidade que nos devemos ocupar para perceber as características de interação que fazem da cidade o teatro de complexas relações. O trânsito entre fixos e fluxos percorre a história da cidade com diferentes densidades, mas constantes presenças e, como hipótese, é possível afirmar que, da cidade cosmopolita à megalópole, não temos propriamente uma oposição, ao contrário, na megalópole, misturam-se as anteriores características e essa complexidade constrói as significações da megalópole. Apesar da indispensável contextualização singular de cada cidade que nos levaria a flagrar, empiricamente, diferenças e particularidades, é possível afirmar, ainda enquanto hipótese, que aquela mistura constitui o núcleo de mediação da megalópole e vai muito além das características tecnológicas dos suportes que sustentam as mídias contemporâneas. Ou seja, propõe-se que mediação não decorre de um aparato tecnológico, mas se manifesta pela interação entre valores e ações que expandem o imaginário. Nesse sentido, as relações comunicativas nas cidades podem ser distintas, ressaltando-se nessa distinção as características semióticas das respectivas manifestações.

A cidade cosmopolita, a metrópole e a megalópole escrevem a história da cidade como comunicação e vinculam suas manifestações semióticas a distintos trânsitos entre fixos e fluxos. Sem considerar os usos habituais das palavras local e lugar consideradas como sinônimas ou dando margem a neologismos como “não lugar” (AUGÉ, 1994:71), ponderamos que, se a relação entre fixos e fluxos nos permite flagrar localizações referenciais e, sobretudo, os sentidos dos lugares da cidade, a ‘lugaridade’ como categoria epistemológica que nos permitirá chegar àquele caráter interativo e encontrar a dimensão pragmática de distintos imaginários da cidade. Assim a cidade, como o “lugar do homem” (PESAVENTO, 2002, p.9) é objeto de múltiplas narrativas e olhares, que não se hierarquizam, mas se justapõem, compõem ou se contradizem, sem, por isso, serem uns mais verdadeiros ou importantes que os outros. Acredita-se no compartilhamento sistêmico e integrado da comunicação e da informação – compreendida como significação em rede. É comum alimentar curiosidades e

especulações acerca do cotidiano dos que habitam a cidade, capaz de conferir sentidos e resgatar sensibilidades em suas ruas, becos e formas arquitetônicas, aos seus personagens e às sociabilidades que nesse espaço se fazem presentes. Uma mesma formação social pode abrigar como nos parece, por exemplo, uma favela, diversidades e similaridades. Existem sistemas de significação que transcendem sua própria geografia física e outros que têm uma história de especificidade local. Este espaço teria um lado material (contexto social e meios de processamento) e outro ideal (processos e resultados simbólicos). Funcionaria como uma espécie de atmosfera essencial à vida, mesmo que existam diferenças de uso, efeitos e adaptação no grupo cultural envolvido.

Desse modo, mediação e ‘lugaridade’ se cruzam para permitir entender a cidade como “espaço técnico, científico, informacional” (SANTOS, 1994:51) responsável pela comunicação que caracteriza o cotidiano na cidade e o transforma em uma das maiores experiências da humanidade.

O imaginário da cidade à favela

Assim como aconteceu com Babel⁴, o erguimento das favelas na cidade do Rio de Janeiro foi obra coletiva. Entre as muitas possibilidades de pensar a produção do conhecimento histórico do urbano no mundo contemporâneo, optamos pelo caminho que nos leva ao imaginário social que os homens, ao longo de sua história construíram sobre a cidade. É necessário esclarecer que se entende a comunicação, no contexto das sociedades urbanas contemporâneas, como um fenômeno e este, como um processo, que se desenvolvem em várias dimensões individuais e coletivas. Se o nosso foco na cidade é o conjunto social da favela, acredita-se no compartilhamento sistêmico e integrado da comunicação e da informação – compreendida como significação em rede. Estes não se confundem, obrigatoriamente, com a geografia física. Uma mesma formação social pode abrigar como nos parece que é o caso da Candelária, uma das 11 sub-localidades do Complexo da Mangueira, diversidades e similaridades. Existem sistemas de significação que transcendem sua própria geografia e outros que têm uma história de especificidade local. Neste caso, isto se remete aos moradores que transitam em universos simbólicos de maior amplitude, ‘anteados’ ou ‘conectados’ em experiências sócio-culturais. Haveria, no sentido destacado acima, um território do imaginário, do

⁴ Segundo o Antigo Testamento (Gênesis 11,1-9), torre construída na Babilônia pelos descendentes de Noé, com a intenção de eternizar seus nomes. A decisão era fazê-la tão alta que alcançasse o céu. Esta soberba provocou a ira de Deus que, para castigá-los, confundiu-lhes as línguas e os espalhou por toda a Terra.

simbólico onde existe o processamento comunicacional e informacional. Este espaço teria um lado material (contexto social e meios de processamento) e outro ideal (processos e resultados simbólicos). Funcionaria como uma espécie de atmosfera essencial à vida, mesmo que existam diferenças de uso, efeitos e adaptação no grupo sócio-cultural envolvido.

Podemos citar como exemplo de experiências sócio-culturais, o baile-show organizado pelo “Seu Manezinho”, morador e comerciante da favela já falecido, que reproduzia na Candelária uma atmosfera da “Era do Rádio”⁵, que nos anos 40 e 50 projetou Emilinha Borba, Marlene, Dalva de Oliveira, Cauby Peixoto, Ângela Maria e tantos outros que seduziram brasileiros através do rádio, dos discos e da Revista do Rádio⁶. Eles eram o Brasil urbano, suburbano e rural, e tinham admiradores em todas as classes. E foi na popularidade desses cantores que os moradores da Candelária soltavam a voz no baile-show, inspirados em seus ídolos.

Em depoimento, D. Maria das Graças lembra com saudades deste evento que freqüentava ainda menina, aos 11 anos de idade:

“No show tinha os rapazes que tocavam os instrumentos, as mocinhas que ‘cantava’...E na época vinha a Dirce Batista, a Linda Batista...Eu cantava...E era muito bom! A gente ganhava prêmios...Naquela época eu cantava muito Edite Veiga, Dalva de Oliveira, Emilinha...Era moda da época, né, era moda! Tanto que as pessoas que cresceram junto comigo só me chamam de ‘Maria Jandira’, porque quando me anunciavam era Maria Jandira...Jandira era o nome da minha mãe e tinha outras ‘Maria’, né. Era o meu nome artístico. Ah, aquilo era muito bom! Mas isso, gente, não era porque eu era artista, não. Na época, na idade de 12, 13 anos, a gente queria aparecer, então, minha mãe deixava...então, na adolescência a gente se divertia ali, cantando. A gente cantava ‘mermo’ com microfone e tudo, ganhava nota dos jurados, ensaiava para as apresentações. E a gente não tinha disco, nem nada, não sobrava dinheiro para isso...quem sabia a letra escrevia, às vezes a gente cantava até errado, porque a gente decorava em cima daquilo ali, né?! Aquilo pra nós era um grande divertimento!”⁷

Se partirmos do papel exercido pelos meios de comunicação - televisão, rádio, jornais, revistas, internet – que, como diz Thompson (1995), atuam neste mundo produzindo informações e, construindo formas de pensar e agir nas sociedades, como atores sociais que precisam ser considerados para a compreensão da história das sociedades neste tempo marcadamente envolvido pela produção e circulação de formas simbólicas (seja em forma de narrativas ou imagens) que constroem a realidade através

⁵ O "pai do rádio brasileiro" foi Edgard Roquete Pinto. Ele e Henry Morize fundaram em 20 de abril de 1923, a primeira estação de rádio brasileira: Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Foi aí que surgiu o conceito de "rádio sociedade" ou "rádio clube", no qual os ouvintes eram associados e contribuíam com mensalidades para a manutenção da emissora.

⁶ A Revista do Rádio foi lançada em 1948 e trazia de forma abrangente e pitorescas informações sobre o meio radiofônico.

⁷ Depoimento no dia 18/05/2007 da D. Maria das Graças da Costa Louzada Queiroz, 58 anos, nascida em Tombos de Carangola, Minas Gerais e criada na Candelária.

da representação que dela se faz. No mundo contemporâneo as favelas se colocam no contexto urbano como o lugar “onde as coisas acontecem”. São nessas “formas de acontecer” pelas quais os moradores estabelecem suas relações e interações, que são eminentemente influenciadas por processos de mediação presentes em manifestações de sociabilidade, decorrentes dos imaginários sociais, como sistemas de idéias e imagens de representação coletiva que atuam sobre a configuração desses lugares, variando é claro, em intensidade em função do espaço, da cultura, da economia e da política predominante. É bom advertir que não se compreende a idéia de imaginário de modo hierárquico e fixo. O imaginário em que se acredita acontecer nesses espaços urbanos são conjuntos móveis e mutantes de relações estabelecidas entre entes sociais ou culturais, funcionando ao sabor dos ventos do momento e das tendências do processo histórico. A representação guia o mundo, através da palavra e da imagem, que dão significado à realidade e pautam valores e condutas. Para Sandra Jatahy Pesavento (2003), a representação:

“É portadora do simbólico, ou seja, diz mais do que aquilo que mostra ou enuncia, carrega sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão”. (PESAVENTO, 2003: 41)

Tratar de questões relacionadas à cidade, especialmente as favelas cariocas, é um tanto complexo, pois estas áreas circulam no imaginário social como um ambiente misterioso. Teríamos a questão da pluralidade de saberes expressos em narrativas e em produções de imagens que se cruzam e não se excluem, dando ao conhecimento uma dimensão transdisciplinar, abordando o real na busca de cadeias de significados. Assim a favela, como o “lugar do homem” (PESAVENTO, 2002, p.9) é objeto de múltiplas narrativas e olhares, que não se hierarquizam, mas se justapõem, compõem ou se contradizem, sem, por isso, serem uns mais verdadeiros ou importantes que os outros. É comum alimentar curiosidades e especulações acerca do cotidiano dos que habitam nesses lugares, capaz de conferir sentidos e resgatar sensibilidades em suas ruas, vielas, becos e formas arquitetônicas, aos seus personagens e às sociabilidades que nesse espaço se fazem presentes. Muito se discute sobre as particularidades que envolvem as favelas cariocas e alguns acreditam que as favelas “são cidades dentro das cidades”, (CARVALHO, 1999).

Entre as muitas possibilidades de acesso a este fenômeno urbano, pode-se optar por seguir as narrativas e imagens que falam de uma favela, caminho este que pretende lidar com os imaginários sociais que alguns homens, ao longo de sua história, puderam construir sobre a sua favela. É o que Pesavento (2002) chama de “cidade de pedra”, erguida, derrubada e transformada através dos tempos em sua forma e traçado. Em tal

favela, se exercita o olhar que sonha, deseja, cria, recria e reconstrói a materialidade da pedra sobre a forma de um imaginário. O morador, privilegiado observador do seu espaço social, exerce sua sensibilidade para criar uma favela do “pensamento, traduzida em palavras e figurações mentais imagéticas do espaço urbano e de seus atores” (PESAVENTO, 2002).

O imaginário são as representações simbólicas que dão significado à realidade expressando valores e formas de ser de uma sociedade e de uma cidade. Para a definição de imaginário reportamo-nos ao trabalho do historiador Bronislaw Baczko (2000), para quem o imaginário está ligado ao processo de construção de um grupo social ou nação em que: “através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa sua identidade; elabora certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns...” Afirma ainda que os imaginários sociais ou o imaginário comportam os mitos, as crenças, as ideologias, os conceitos, os valores, as utopias, é construtor de identidades e exclusões, divide, aponta semelhanças e diferenças no social e expressões simbólicas que se manifestam na experiência humana. Assim, o imaginário também é representação ou está contido nela. Segundo Pesavento (2003) “ele (o imaginário) é um saber-fazer que organiza o mundo, produzindo coesão e conflito”.

Para Baczko, cada sociedade produz um sistema de representações, no qual ocupam um lugar à parte os símbolos e as imagens transmitidos, capaz de legitimar a ordem estabelecida, mas também de, ao mesmo tempo representar os seus conflitos. Portanto, o sentido de um lugar liga-se, desde a sua origem, à memória e qualquer que seja a perspectiva de seu estudo, este, como a própria etimologia indica, desempenha, fundamentalmente, uma função de memória. É um sinal do passado, expressando um “poder de perpetuação, voluntária ou involuntária”, graças ao qual uma sociedade pretende impor ao futuro uma determinada imagem de si, “é um legado à memória coletiva”. Nos dias de hoje, as favelas do Rio de Janeiro ganham visibilidade na mídia, mas ainda assim prevalece o imaginário negativo. A favela abriga pessoas comuns, vivencia questões cotidianas e é um lugar com características específicas, mas onde vivem pessoas com ambições, desejos, sonhos.

A cartografia dessas linhas de força, com suas assimetrias e desestabilizações, faz coexistirem e se tensionarem reciprocamente criatividade, privação, transformação, sujeição, revolta, destruição, domesticação, arte, inquietação, entre tantos outros movimentos. Por meio do “traçado” dos moradores, este será o guia que privilegiará a

experiência de vida na favela. Cortando o volume do bairro, suas ruas, travessas, vielas e becos que conectam suas localidades, temporalidades, gentes e estéticas, as histórias, narrativas e memórias que transcorrem de modo contínuo, sem com isso deixar de realçar os diferentes relevos e matizes de seu conteúdo. Pontuando todo o volume, imaginários dão lugar às mais diferentes vozes, todas elas ávidas por traduzir a sua experiência “periférica”.

Na interação dessas formas – entrevistas, imagens, observação participante –, buscamos mapear a localidade da Candelária menos como território de encapsulamento do que como multiplicidade irredutível, onde nada está dado de antemão ao mesmo tempo em que tudo é possível, oscilando da subjetivação à sujeição, da subversão à substancialização, da resistência à resignação. Não a simples recusa ou aceitação da periferia versus o centro, ou tampouco a impossibilidade de reverter posições que podem se nos revelar de maneira endurecida. Mas sim reconhecer, no centro, seu devir-periferia, como na periferia, simetricamente, seu devir-centro.⁸

A co-habitação de imaginários torna a localidade da Candelária um lugar pleno de significados e de símbolos que ligam os indivíduos (HALL, 1997). Os diferentes personagens que habitam o morro conferem às coisas um permanente movimento, um intercâmbio cultural e fator de difusão de práticas que fortalecem a urbanidade, a sociabilidade, a troca, a mistura e a diferença (SIMMEL, 1979). No contexto de reconhecimento de identidades passíveis de constante redefinição e experimentação de multiplicidade de papéis, a vida cotidiana se apresenta como uma esfera privilegiada de conquista de autonomia individual e de formas de sociabilidade.

Para Anthony Giddens (2002), estilo de vida pode ser definido como práticas que o indivíduo incorpora em sua vida e que não preenchem apenas necessidades utilitárias, mas “dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade”. No espaço local habitam homens e mulheres enraizando valores e cultura; demarcando limites de viver e de situar-se no mundo; desenvolvendo multiplicidade de práticas sociais; definindo formas de convivência; apropriando-se, (extraíndo ou multiplicando) bens e valores culturais, sociais e políticos; estabelecendo relações, alianças e confrontos no presente com vistas ao futuro. A velocidade da circulação de informações e objetos nos conduz a pensar em seres sem lugares fixos e formas de relação, não permitindo o estar das pessoas nos espaços para trocar visões sobre a vida cotidiana e seus estilos de vida Santos (2000). A experiência de morar numa metrópole como o Rio

⁸ Referência à matéria “A periferia está no ar” publicada na Revista da TV – Jornal O Globo – Domingo, 17 de dezembro de 2006.

de Janeiro, nos faz vivenciar experiências no espaço da urbe, que estão em toda parte e, destacando, nos personagens que habitam a Candelária, no morro da Mangueira.

É neste processo que nascem alternativas coletivas para suprir necessidades comuns. Segundo Mello (2003), tais envolvimento, que despontam com a experiência, a confiança e a afeição, denota intimidade. É nessa abrangência que o imaginário de lugar da Candelária, é compartilhado e forjado pelo símbolo edificante da união entre os seus moradores, pois “trata-se de um mundo vivido e filosófico, existencial e coletivo, de enraizamento, lutas e glórias, uma ‘morada familiar’.” A Candelária e, a Mangueira, em todas as entrevistas, são apontadas como o mais significativo da história de suas vidas. Eles falam com muito orgulho do lugar onde vivem “Aí, eu tenho, eu tenho muito orgulho deste lugar... Eu falo com os meus filhos sempre, se eu morrer dentro de um hospital vocês me ‘traz’ o meu corpo pra ‘qui’, vai embora daqui”⁹.

Falar do imaginário de lugar, o resultado histórico de um encontro entre o sonho individual e uma atitude coletiva sintetiza a importância das histórias de vida para entender o conjunto das experiências humanas no processo histórico, ou a articulação existente entre os indivíduos e as transformações sociais que influenciaram o espaço urbano local. Um exemplo disso, em meio a tantos outros, é o da Dona Maria da Penha Moreira, que há 30 anos veio para a Candelária com marido e filhos realizar um sonho: ter uma padaria. D. Penha, como é conhecida na comunidade, realizou seu desejo e na Rua Graciete Matarazzo¹⁰, apelidada pelos moradores por “Rua de Baixo” e principal logradouro da Candelária, construiu sua padaria.

A padaria faz parte da produção imaginária que a dinâmica social local construiu cujo conteúdo simbólico é possível de ser datado e classificado. Neste sentido, como parte de uma história, a padaria está inserida em contextos e processos sócio históricos específicos (THOMPSON,1990), ou seja, está vinculado a determinadas condições materiais e sociais, marcando distinções que estão presentes nas relações sociais do passado da Candelária como também no seu presente. Lugares e símbolos, através de laços emocionais conquistados ao longo de anos, adquirem um profundo significado. Portanto, a Candelária pode ser considerada uma comunidade imaginada porque proporciona um sentido quase religioso de pertença e camaradagem entre aqueles que se julgam compartilhar um determinado lugar simbólico. Certos lugares podem ser revestidos de um determinado status emblemático, como a padaria da D. Penha, e usado

⁹ Depoimento no dia 11/05/2007 da D. Adineva da Cruz, 72 anos, nascida e criada na Candelária.

¹⁰ Homenagem dos moradores “a uma grande mulher”, que trouxe várias melhorias no lugar, como: calçamento, escada, água nas casas, entre outras. É um importante símbolo do imaginário do lugar.

para representar uma forma de laço simbólico (FEATHERSTONE, 1997) que se sobrepõe e encarna as várias afiliações locais que as pessoas assumem¹¹.

É no contexto do imaginário construído pela cidade que poderemos localizar memórias territorializadas na Candelária. Território cuja organização é marcada de características e especificidades, tanto pelos objetos, moradias, comércios e pessoas que aí se encontra, quanto pela maneira de apropriar-se, utilizar-se e considerar esse conjunto de elementos. O espaço não é somente uma área geográfica, mas também uma forma de relação com os objetos estruturados numa cultura e, sobretudo, uma rede relacional de representações em que os membros de uma mesma coletividade concedem significados, geralmente reconhecidos, a elementos e características de seu espaço. Nessa abrangência “um indivíduo não é distinto de seu lugar, ele é esse lugar” (Relph, 1976). Trata-se do existencial e coletivo, de enraizamento, lutas e glórias e, segundo Mello (2003), do sonho e da realização de abrir uma padaria, D. Penha decorre de lembranças notáveis de orgulho e do bem comum, uma significação especial “Não tem como agradecer o pessoal do morro o que fez por mim”.

O irreverente e o espontâneo ‘agir urbano’ nas ruas da favela

A fala e a escrita não são nossos únicos sistemas de comunicação. Existem vários textos não verbais que informam e definem a cultura contemporânea. Segundo Lucrécia D'Aléssio Ferrara (2005), as possibilidades de estudar a cidade por meio de textos não verbais, é uma unidade de percepção, onde tudo é signo, linguagem. Ruas, avenidas, praças, monumentos, edificações configuram-se como uma realidade sígnica que informa sobre seu próprio objeto: isto é, o contexto.

Por meio do ‘agir urbano’ é possível ler a cidade e perceber como os diferentes setores e grupos da população se relacionam com a cidade. É uma forma de estudar não apenas os aspectos objetivos da cidade, mas também a subjetividade, aquilo que move os cidadãos a se manifestarem. Por isso mesmo, devemos saudar o ‘agir urbano’, pois uma cidade é uma cidade viva, cujos cidadãos podem elaborá-las como objeto de desejo, esperança e mudança. Reconhecer a relevância e legitimidade do ‘agir urbano’ é também acreditar que seus agentes, pelo ato coletivo ou individual, se fazem cidadãos e cidadãs, e se afirmam capazes de construir uma cidade mais justa e com mais qualidade de vida.

¹¹ Ibidem, idem.

A linguagem da cidade é um exemplo de texto não verbal. O espaço urbano é uma sucessão de imagens que marcam o cenário cultural da nossa rotina e a identificam como urbana (CANEVACCI, 2004). Um possível mapa mental da cidade vai muito além da simples funcionalidade utilitária que facilitaria deslocamentos ou direções, ao contrário, a leitura da cidade é não verbal e está diretamente relacionada à capacidade que o homem desenvolve para produzir alternativas de subsistência e a encontrar, no cotidiano, as melhores soluções para comunicar-se e encontrar-se individual e coletivamente. Trata-se de uma aprendizagem que decorre da maior experiência cultural da humanidade: aprender a viver de modo solidário.

Na perspectiva do nosso objeto de estudo em comunicação, cultura e cidade, vamos analisar como o 'agir urbano' na favela da Mangueira delimita o espaço imaginário e condiciona a geração de sentidos nos ambientes urbanos (PESAVENTO, 2002). Para o desenvolvimento desta análise, a 'rua' comprova ser uma categoria comunicacional fundamental, conforme orienta DaMatta (1997), para a compreensão de como pensa, vive e faz a sociedade brasileira. Sendo assim, buscar-se-á compreender o aspecto da comunicação formuladas a partir das relações interpessoais estabelecidas nos diferentes espaços da 'rua' por onde o indivíduo circula. (SANTOS, 1979, 2002; SALGUEIRO, 2003; PESAVENTO, 2004; MELLO, 2003).

Quando se tem em mente discutir a rua na favela e as dinâmicas de sociabilidade que nela têm lugar, um primeiro aspecto a se considerar é a sua complexidade. Mergulhamos no cotidiano da favela e interessa-nos buscar a pluralidade de sentidos produzidos e em produção nas ruas da Candelária, sua diversidade de sons, escritos, sinais, conversas que se processam em suas ruas e são expressões da diversidade que mantém a dinâmica deste espaço. Elas podem ser expressões comunicativas diversos, como as pichações nos muros, uma conversa um comerciante ou um vizinho, uma intervenção artística, uma manifestação, uma feira, um ponto de encontro, uma festa popular, etc. Essa pluralidade que emerge da dinâmica da vida cotidiana se materializa no espaço urbano da favela sob a forma de fronteiras físicas e simbólicas, constituindo redes e articulações coletivas e/ ou compartilhadas (HAESBAERT, 2002) que movimentam as ruas da favela.

Nesta abordagem, os processos de significação do espaço que acontecem a partir da sociabilidade são fundamentais, pois é através deles que poderemos ver como a rua, uma parte vital da favela, é construída e compartilhada no cotidiano. Possibilita acompanhar os movimentos, perceber sons, imagens e textos e as maneiras pelas quais

se criam novas interpretações das mesmas paisagens. A favela passa a ser abordada como um espaço de comunicação, de produção de “mensagens” que marcam suas ruas, muros, como espaço polifônico de autorias variadas e conflitantes. O objetivo não é decifrar este texto, mas compreender o processo de sua constituição. Do ponto de vista do olhar da comunicação, podemos dizer o texto polifônico da favela é produzido a partir das narrativas que resultam de relações de sociabilidade. Dele são autores todos aqueles que vivem ou viveram na favela. Observada deste ponto de vista, a favela configura-se como texto acessível apenas a quem vive seu cotidiano. (CANEVACCI, 2004)

No caminho para a sede das “Meninas e Mulheres do Morro”, logo que atravessamos o “campinho”, a nossa esquerda, na direção dos “predinhos”, notamos um movimento diferente. Rapazes pintavam um muro, bandeirolas coloridas enfeitam a rua, um mutirão anunciava uma festa. Seria o início dos preparativos de um “arraiaí”, já que era mês de junho?

Desviamos o caminho e após um breve bate-papo com um dos rapazes que orientava as atividades no muro, descobrimos que o motivo da movimentação era o Pan do Rio! Isso mesmo. Os Jogos Pan-americanos chegavam à Candelária. A rua denominada Avenida Neves estava sendo ornamentada para concorrer no concurso “Nossa rua, nosso Pan” que a Prefeitura do Rio realizava para premiar a decoração mais criativa com o tema do Pan 2007. O concurso visava estimular a tradição do carioca de se mobilizar em torno de grandes eventos e fortalecer os vínculos comunitários dos moradores das diversas regiões da cidade. E isso me parece, cada vez mais, a vocação da Candelária. Não podíamos deixar de registrar a representação de um grande evento na cidade pela comunidade da Candelária, no seu lugar. A Candelária é participativa. Ela quer trazer para a favela o espírito do Pan.

Enquanto a entrevista não começava, observamos as conversas, as tomadas de decisão, as tensões – surgiu até um momento de conflito de idéias de como ficaria melhor a composição dos desenhos do asfalto, ou seja, toda a dinâmica da construção de um imaginário do lugar que representasse um evento que mexeu com o cotidiano da cidade. Começamos a entrevista com o eufórico ‘Partidinho da Mangueira’¹², “Aqui na comunidade a gente faz eventos. Há 25 anos a gente realiza a tradicional festa junina. E

¹² Apelido de William de Jesus Melo, nascido e criado na Candelária há 39 anos. Além trabalhar como Guarda Municipal da Prefeitura do Rio de Janeiro, é compositor da Mangueira, dono do trailler do “campinho” e organizador da festa junina que acontece na comunidade.

agora estamos no concurso da Rua do Pan...’A rua Show de Bola da Mangueira está com o Brasil no Pan’ é o nosso lema desse ano”.

Mas como a Avenida Neves se tornou a Rua Show de Bola? Partidinho diz que a rua, no caso a Avenida Neves, era muito apagada, sem vida. E vislumbrou que participando de um concurso de decoração de ruas poderia trazer oportunidades para melhorar a rua-avenida. Assim no ano de 2002, inscreveu a Avenida Neves no concurso ‘Rua Show de Bola’, promovido pela Rede Globo de Televisão para a Copa do Mundo de futebol. “Já é uma tradição enfeitar nossa rua. Já quase ganhamos o concurso da copa do mundo de 2002. Ficamos em segundo lugar”. Por culpa da Sandra de Sá, “que não deu o ponto que faltava pra gente ganhar o primeiro lugar no concurso”, não foram os campeões, perdendo o 1º lugar, para a Rua Jorge Yúdice, em Vila Isabel.

Um grande evento, como o Pan-americano, a exemplo da Copa do Mundo, é capaz de unir as pessoas. E isso não é diferente com os moradores da Candelária que expressam toda a paixão pelo esporte. Um grupo divide o amor pelo esporte e pelo trabalho. O mutirão é para enfeitar a rua onde eles moram. Uma tarefa feita com prazer e quem sabe até inspirada pela proximidade com o Estádio do Maracanã, palco da abertura e do encerramento da festa e lugar de competição de algumas modalidades.

A “galera” trabalha compenetrada, “no gás”, afinal tudo tem que ficar pronto, pois “a prefeitura vem aqui ver os desenhos, ver nosso trabalho”, para selecionar as ruas que estarão na etapa final do concurso. Então, imaginem, os ânimos estavam agitados e concentrados na missão de deixar tudo conforme o regulamento, perfeito, bem bonito e caprichado. E para, dessa vez não deixar margem a dúvidas, de que a “rua Show de Bola da Candelária” merece o primeiro lugar.

“Mas, graças à participação no concurso em 2002, a rua melhorou bastante, pois trouxe animação pra comunidade. Quando se aproxima o início de um evento desses, como uma Copa do Mundo e agora com o Pan, eles mesmos perguntam ‘Vai ter a rua? Vai ter a pintura?’ A gente pega as crianças para pintar os desenhos que a rapaziada faz. William vai desenhando, armando os desenhos e depois as crianças vem para pintar. Então, o barato é esse! As crianças pintam com noção do que eles têm que fazer. Então, as crianças se amarra nisso!”¹³

Uma comunidade em contagem regressiva. Faltavam menos de um mês para o início dos Jogos e as cores do Pan já entravam em campo, ou melhor, já coloriam a cidade. Em época de Pan, era hora de mostrar o orgulho em vestir a cor do Brasil. E a Candelária não ficou de fora dessa torcida.

Com todas as atenções na época era para o Pan, a festa junina deste ano ficou para agosto, “As melhores festas juninas que nós fizemos aqui são em agosto. E o nome

¹³ Depoimento no dia 22/06/2007 de William de Jesus Melo.

da nossa festa é até ‘Festa de Agosto que dá Gosto’. É um mês de festa, toda sexta, sábado e domingo”¹⁴.

O que mais incentiva Partidinho com a organização desses eventos é a possibilidade de divertir e alegrar a comunidade. Ele lembra emocionado de uma atração que, há alguns anos atrás, com apoio dos projetos especiais da Prefeitura do Rio, conseguiu trazer: um show de circo.

“Esse show ficou marcado para mim na Candelária. O palhaço (dá uma parada e sorri lembrando do fato)...ele fez uma graça na minha frente. Quando eu me toquei que, pela primeira vez, eu ‘tava’ vendo um palhaço de perto...e eu ‘grandão’, já ‘cascudão’, nunca tinha visto um palhaço legal. Quando eu olhei para cara das crianças, ‘tava’ todo mundo de boca aberta...aí eu me toquei que ninguém nunca viu também!”¹⁵

Esse clima de festa representa para comunidade um estímulo de melhorias. Num certo sentido ela nos aproxima daquilo que Certeau (1994) aborda em *Invenção do Cotidiano*. O autor fala de um sentido (senso) comum que reuniria uma liberdade (moral), uma criação (estética) e um ato (prática). O senso comum não divide a teoria e a prática, como se pensa normalmente, mas estaria presente numa arte de pensar necessária tanto às teorias e quanto às práticas cotidianas. Este juízo permite pensar as diversas formas de viver a simultaneidade temporal e espacial em jogo no espaço da favela.

“Essa tradição de reunir os moradores da rua também serve para formar novos amigos. Eu gosto de festa, eu gosto de participar! E incentivar as pessoas a participar também. Comunidade é isso que a gente tá vendo mesmo. É um ajudar ao outro, cada um tentar fazer pelo próximo, que o próximo vai fazer por ele. Eu acho que é por aí que se constrói a comunidade”.¹⁶

Tornar a rua uma festa a partir do trabalho de um grupo de moradores que não se importa em perder noites e madrugadas de sono, para que seja a mais bonita do bairro e até da cidade. “Quem não queria colaborar, quando viu o resultado, resolveu ajudar”, Tanta dedicação é para ver a Candelária ser campeã sempre na participação, na sociabilidade, na solidariedade, na esperança e de que viver com alegria pode ajudar e muito a passar pelas dificuldades da vida.

“A Candelária é minha moradia, é o meu lazer, diversão, meu trabalho, aqui é tudo! E pode ficar melhor, mas precisa de mais ajuda governamental. Na nossa comunidade tem muitas coisas que podem ser melhoradas e criadas. Enquanto não chegamos lá, Beto sem-Braço tinha um lema ‘o que espanta miséria é festa’. Pelo menos a festa une a todos, pelo menos naquele momento ali alegre, vai curtir, vai até esquecer que tem algum problema, pelo menos naquele momento. A festa traz alegria e a alegria o prazer de viver.”¹⁷

¹⁴ Depoimento no dia 22/06/2007 de William de Jesus Melo.

¹⁵ Depoimento no dia 22/06/2007 de William de Jesus Melo.

¹⁶ Depoimento no dia 22/06/2007 de William de Jesus Melo.

¹⁷ Depoimento no dia 22/06/2007 de William de Jesus Melo.

O time da Candelária também está de olho no campeonato: Quem vai levar o título desta vez? Como sempre empolgado e contagiante Partidinho vislumbra que “Esse ano vai ser a Rua Show de Bola na cabeça”.¹⁸

Referências

- ARANTES, Otília Beatriz Fiori. Cultura e transformação urbana. In: PALLAMIN, Vera (org.). *Cidade e Cultura: Esfera Pública e Transformação Urbana*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. p.59-72.
- AUGE, Marc. *Não Lugar Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 1994
- BACZKO, Bronislaw, apud Falcon. Francisco. In: Cardoso, Ciro Flamarion e Malerba, Jurandir. (org) *História e representações*. Campinas: Papirus. 2000.p 56.
- CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 2004.
- CARVALHO, Maria do Carmo. A priorização da família na política social. São Paulo, Cortez, 1994.
- CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade* - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano. Arte do Fazer*. Vozes: Petrópolis, 1994.
- DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- FEATHERSTONE, Mike. O Desmanche da Cultura: globalização, pós-modernismo e identidade. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 1997, p. 151.
- FERRARA, Lucrécia D’Alessio. Cidade: fixos e fluxos. In: Simpósio Interfaces das representações urbanas em tempos de globalização, São Paulo, SP, 2005.
- FONTOURA, Carlos; SILVA, Augusto Santos. A cidade ao lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural. In: SANTOS, Boaventura dos. *Globalização e Ciências Sociais*. Lisboa: 2001. p.419-474.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1994.
- MELLO, João Baptista Ferreira de. Símbolos dos lugares, dos espaços e dos “deslugares” In: Revista Espaço e Cultura. Rio de Janeiro-RJ: Nepec, UERJ, nº 16, julho-dezembro, 2003, 64-72p.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- _____. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris*, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 2002.
- SALGUEIRO, Teresa Barata. Espacialidades e Temporalidades Urbanas. In: CARLOS, Ana Fani A; LEMOS, Amália (org.). *Dilemas Urbanos: novas abordagens sobre a cidade*. São Paulo: Contexto, 2003.
- SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002.
- _____. *Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro - São Paulo: Record, 2000.
- SIMMEL, Georg. A Metrópole e a Vida Mental. In: *O Fenômeno Urbano*, Otávio Velho (organizador). Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.
- THOMPSON, John. Ideologia e cultura moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes. 1995.

¹⁸ No concurso “Nossa rua, nosso Pan” que a Prefeitura do Rio realizou para premiar a decoração mais criativa da cidade, com o tema do Pan 2007, a Rua Show de Bola da Mangueira ficou em 4º lugar.